



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

SOBRE AS FORMAS DE SE APRENDER COM O CINEMA: UM ESTUDO SOB A FUNÇÃO DO DOCUMENTO/MONUMENTO DA AGENDA-DIÁRIO DE LEANDRO KONDER

Rodrigo Robert Porto⁴⁶⁴
(UFRJ)

RESUMO

O propósito principal desse trabalho é enxergar o cinema enquanto um processo de acumulação do conhecimento, construção de saber e de distinção social. Para efeito desse objetivo observa-se uma agenda-diário de um intelectual brasileiro que, na década de 1950, documentou a sua vivência sobre o cinema e, neste objeto, trouxe à tona suas formas de aprender com o cinema. Essa agenda reflete, dentre outras, as práticas de cinema e as vivências proporcionadas pelo mesmo no âmbito de um referencial que enxerga a sétima arte enquanto um instrumento para a formação do indivíduo e tem na agenda um constructo de aprendizado teórico que provém da sua própria identificação enquanto um documento/monumento, referenciado na perspectiva de análise de Jacques Le Goff.

PALAVRAS-CHAVE: Documento/Monumento, Cinema, Leandro Konder

INTRODUÇÃO

Decidir qual metodologia adotar ao se analisar um documento pessoal, não é tarefa fácil para nenhum pesquisador. Somado as problemáticas teóricas que envolvem todo trabalho acadêmico, é necessário que o documento manifeste

⁴⁶⁴ Historiador (UFRJ), Mestre em educação (PUC-Rio), Membro do Grupo de Pesquisas em Educação e Mídia (GRUPEM), Foi bolsista CAPES e do CNPQ. E-mail: rro_porto@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

alguma relevância perante o meio acadêmico para que a pesquisa seja validada na comunidade científica.

Analisar um documento é, sobretudo, perceber a sua dinâmica interna, sua funcionalidade para o desenvolvimento do trabalho, ressaltando o seu conteúdo mas também a sua forma. Neste ponto a análise do documento como um monumento proposta por Jacques Le Goff, vem a ser muito útil quando analisamos a agenda de um intelectual de esquerda no Brasil que documentou o seu encontro com o cinema durante os anos 1950.

Esta análise é um recorte menor sobre uma pesquisa que buscou demonstrar como a formação do sujeito se deu através da escrita da agenda como um suporte pedagógico para o conhecimento da sétima arte. Buscamos, também nessa pesquisa, entender como o desenvolvimento da tarefa de escrever gerava um conhecimento que estava além de nossos olhos que era a própria vida da agenda.

Cabe ressaltar que a ideia inicial da pesquisa era tentar entender como o cinema contribuiu na formação político estética de intelectuais brasileiros, filiados ao Partido Comunista Brasileiro, na década de 1950. Tínhamos a intenção de entrevistar alguns integrantes dessa geração de intelectuais para a obtenção de material empírico que viesse a subsidiar o estudo, mas a pesquisa, assim como outras esferas da vida, apresenta surpresas: nossa surpresa – muito boa por sinal – foi o encontro com a agenda/diário de cinema do professor Leandro Konder.

A tarefa de digitalizá-la, para que sobreviva, enquanto documento, ao manuseio em situação de pesquisas e se torne, na melhor acepção da palavra, um bem público foi sendo substituída pela nossa curiosidade em entender seu conteúdo. Em suma, quando a tarefa de digitalizá-la chegou em nossas mãos, percebemos que não deveria ser um trabalho mecânico, deveria, isto sim, ser um estudo detalhado sobre a compreensão que seu organizador tinha sobre o cinema, o que poderia fornecer pistas acerca de como o cinema era percebido pelo grupo



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

social ao qual ele pertencia, no contexto em que a agenda foi produzida. Inicialmente, acreditávamos que a agenda deveria servir como ponto de apoio para elaboração da pesquisa, mas logo se tornou elemento principal, pela riqueza de seu conteúdo e pelas possíveis interpretações e inferências que ela poderia propiciar acerca do problema havíamos nos colocado. Mantivemos a idéia de realizar as entrevistas, mas, por razões alheias a nossa vontade, apenas um dos intelectuais com os quais fizemos contato se dispôs a concedê-la.

É apostando na ambigüidade do documento – enquanto suporte pedagógico e a sua escrita – que nosso trabalho pretende construir uma apresentação desse documento tendo por base o seu conteúdo e sua forma. Tal fato só é possível, pois a consideramos – como já referido – como um documento/monumento.

Abarcar essa concepção teórica é entender que o monumento é algo que representa a herança do passado, enquanto que o documento é a escolha que o pesquisador faz. Enquanto o primeiro é, intencionalmente ou não, um relato do passado e pode constituir uma análise interpretativa histórica, o segundo é algo tido como verdade, é uma prova de que aquele fato existiu no passado.

Nas palavras do autor

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador [pesquisador] usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1990, p.470).

As questões levantadas por esse autor e por toda uma corrente de pensamento francesa advoga um espaço diferente para o documento entendendo-o

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

como um relato do passado, tendo sua análise escrita, quanto pela sua aparência e representatividade no seu cenário de surgimento.

No mais consideramos que a análise histórica do documento seja fato presente, pois escrevemos uma história do tempo presente, buscando compreender o mundo atual através da utilização de suportes que possam elucidar as transformações correntes em nossa era.

[...] estou convencido da subjetividade do discurso histórico, que esse discurso histórico é o produto de um sonho, de um sonho que, no entanto, não é livre visto que as grandes cortinas de imagens de que é feito têm obrigatoriamente de se prender a pregos, que são os vestígios de que falamos. Mas, entre esses pregos, insinua-se o desejo. E isto é tão válido, afinal de contas, em relação a uma história recente, ainda que nela haja profusão, superabundância de fontes como em relação a uma história de um passado muito antigo, em que a documentação é extremamente lacunar, em que a parte concedida à liberdade do sonho é imensa e tão manifesta que há o risco de ele partir a deriva. Porque, afinal, as nossas 'fontes' são apenas uma espécie suporte, ou melhor, de trampolim. Para nos lançarmos, para saltarmos. (DUBY; LANDREAU:1989, p.41-42).

Nas palavras desse historiador francês, herdeiro e ao mesmo tempo contemporâneo de Le Goff, está a noção de documento que queremos entender nesse trabalho.

Enquanto perspectiva de análise de um documento partimos do princípio que existem algumas formas de se entender os documentos que se entendem como íntimos, como uma agenda. As categorizações de documentos pessoais feitas por Yinger e Clark (1988) incluem várias criações pessoais escritas, orais ou gráficas, tais como: autobiografias, cartas, diários, resposta a questionários e entrevistas, evocação de sonhos, confissões, portfólios, composições e arte, entre outras. Assim, seguindo essa linha, podemos afirmar que qualquer produto autorrevelador, que

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

produza informação intencional ou não, que contemple a estrutura e funcionamento da vida mental do autor, pode definir-se como documento pessoal.

Mais ainda a função de escrever a agenda constituirá, por um lado, uma forma de expressão, mas o próprio ato de escrever, dada a natureza do processo cognitivo requerido, converte-se em uma forma efetiva de aprender.

Isto se estabelece porque consideramos que as memórias materiais servem para sedimentar o próprio pensamento do organizador desse material. Este tipo de memória deve se fundir, em certo tempo, com a própria memória do indivíduo na medida em que deve considerá-lo enquanto parte integrante do processo de criação-aprendizagem.

Essa aprendizagem, segundo os autores, não deve ser considerada, de forma alguma intencional. E, aliás, não é somente o ato de escrever que traz o aprendizado, mas é sobre o que se escreve que irá se concentrar o ato de aprender. Em se tratando de um evento que consome a memória material, acreditamos que este se articula enquanto um diário de anotações que consiste em uma tentativa compreensiva e sistemática, enquanto se escreve, de clarificar ideias e experiências, para depois, como documento, se regressar a ele e aprender pela interpretação do que ficou escrito (YINGER; CLARK, 1988, p.225).

Vale uma ressalva antes de entrar na análise da agenda por si só. Ao entrar em contato com nosso objeto percebemos o quão difícil era interpretá-la e entendê-la. Passamos um bom tempo tentando categorizá-la, enquadrá-la neste ou naquele tipo de perspectiva até que percebemos que não era esse o caminho. Tínhamos que perceber a sua dinâmica interna a sua característica própria sem nos preocuparmos somente com discursos de outrem.

Na nossa concepção isso tornou o trabalho muito mais prazeroso, pois podíamos nos sentir mais a vontade para entender a mensagem que passava aquele objeto e perceber que as fontes falam, como dizem os historiadores. Mas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

não basta só falar, as fontes têm que ser interpretadas, analisadas de perto. Nesse sentido, as fontes deixam de falar e passam a ser tomadas como subsídio para respondermos às nossas perguntas.

Algumas das perguntas que nos colocávamos no início da pesquisa contribuíram para entender que a agenda poderia ser muito mais do que um ponto de apoio. Seria, isto sim, um ponto de partida para compreendermos como o cinema contribuiu na formação daquele indivíduo em particular, tanto em sua porção pessoal, quanto em sua formação estética, direcionada para o cinema e poderia vir a fornecer indícios para formularmos hipóteses acerca de como se dá essa formação de uma maneira geral.

Nosso material empírico é uma espécie de agenda/diário de cinema, onde estão dispostos, página por página, frente e verso, recortes de jornal, páginas datilografadas pelo organizador da agenda e comentários escritos por ele, à mão. Com um total de 94 páginas, a agenda/diário é uma espécie de fichário, com um espiral metálico (uma espécie de trilho metálico com alças que abrem e fecham) na qual foram inseridas páginas (com furos adaptáveis às alças do trilho). Esse fichário é envolvido por uma capa de couro, que se fecha com um zíper. O que a identifica como sendo parte integrante de um processo de aprendizado sobre o cinema é a menção, em sua lombada, a tratar-se de uma agenda de cinema.



Figura 2 - A agenda vista por fora - Capa de couro e inscrição na lombada.

As páginas do fichário, utilizadas em frente e verso, são unidas pelo espiral metálico. Além disso, há materiais, geralmente recortes de jornais que compreendem críticas muito extensas sobre determinado filme, ou então há uma reportagem jornalística que biografava a vida de um ator/diretor, que extrapolam o limite das páginas e foram sendo arquivadas na contracapa da agenda, como um anexo destinado a recortes de jornais que, a nosso ver, são suficientemente grandes para caberem nas páginas regulares da agenda.

As páginas não são numeradas e nem sequer apresentam uma ordem cronológica visível ao leitor. Até agora não foi possível perceber um índice ou outro sistema que nos permita entender a lógica e/ou critério a partir do qual os materiais foram coletados, organizados e colados na agenda. Ao lado de praticamente todos os recortes de jornal que mencionam filmes há um conjunto de números ao lado de iniciais de nomes, escritos com caligrafias e canetas de cores

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

diferentes, que parecem ser cotações (notas) atribuídas ao filme por diferentes pessoas, aparentemente a posteriori.

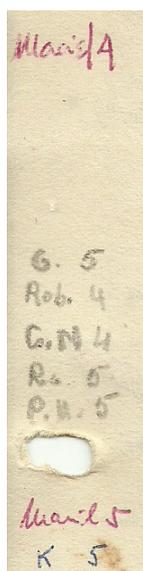


Figura 3 - As cotações dos filmes associadas as iniciais.

Essas notas variam de 0 a 5, sendo o primeiro como péssimo, o último como obra-prima/clássico, tendo como intermediários, 1 - Ruim/Fraco, 2 - Regular/Razoável, 3 - Bom, 4 - Ótimo/Importante.

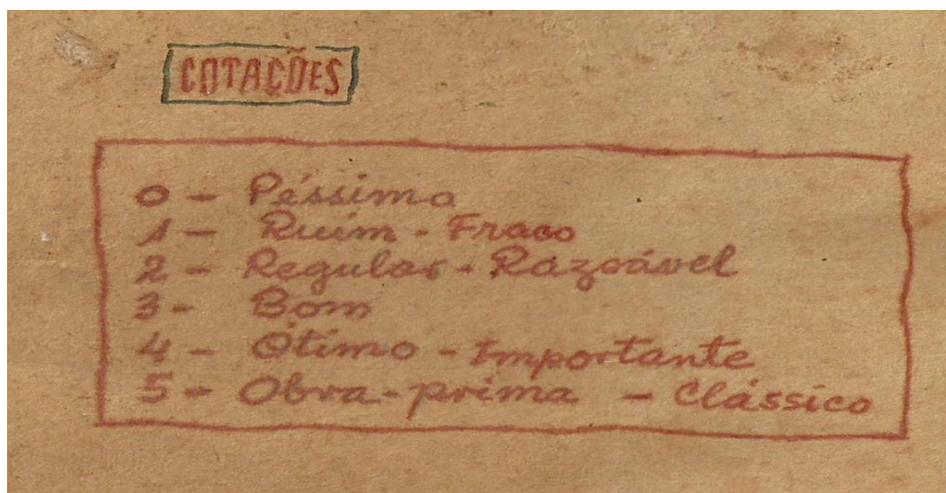


Figura 4 - As cotações, ao final da agenda.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Algumas considerações podem ser feitas a partir da descrição da agenda e das imagens acima. Em primeiro lugar, é necessário perceber que a agenda encontra-se em um mediano estado de conservação, visto que foi composta por materiais extremamente degradáveis. Tudo nela pode ser compreendido sem a utilização de recursos de tratamento de imagens tão usados pelos pesquisadores contemporâneos, para tentar decifrar as características do passado a que se referem.

Nesse sentido, cabe ressaltar que tal fato só pode ocorrer devido a sua composição geral, ou seja, a sua capa de couro e seu zíper que, indubitavelmente, ajudaram na conservação das imagens, relatos e fatos que aparecem na agenda. Embora o zíper não se encontre presente acreditamos que a sua falta indica questões pertinentes ao nosso objeto de estudo.

Vimos que a agenda, em sua parte externa contempla uma capa de couro e um fecho de zíper, o que podemos afirmar serem indicativos de que essa agenda foi feita para durar, para ser conservada. Subentende-se que o organizador da mesma tinha a preocupação de que esse objeto resistisse bem à ação do tempo.

Percebemos a ausência do fecho de zíper como um indicativo de que a agenda foi muito manipulada, provavelmente não apenas por seu organizador, mas também por outras pessoas. O estado das páginas – amareladas – e as notas distribuídas de forma aleatória indicam que o autor revisou e trabalhou com esses recortes de forma constante. Isso nos leva a supor que esse objeto era uma espécie de referência para seu organizador/ autor e que foi bastante utilizado ao longo dos dez anos registrados, ano a ano, na primeira contracapa. Não parece ser um livro para se colocar na estante.

Devido a falta de ordem cronológica de agrupamento do material ou uma seqüência numérica que facilitaria a compreensão do objeto, foi necessária a



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

utilização de outro tipo de catalogação, uma catalogação própria. Dividida em três eixos – a formação “selvagem”, a formação intencional e a formação política – a mesma tem como perspectiva fornecer subsídios para a compreensão das perspectivas de formação do indivíduo através do cinema, em determinado contexto histórico.

Analisar esse documento em sua porção histórica, ou seja, enquanto um aporte, como uma sustentação de seu tempo, percebendo sua dinâmica histórica buscou significar que a agenda/diário é um constructo do conhecimento produzido por uma época e que, nesse caso, um indivíduo pode fazer eco.

Isto porque trabalhamos com um ideia de um aprendizado direcionado para a acumulação de conhecimento através do cinema. Tal fato só torna possível porque podemos visualizar que o ato de ver filmes é interpretado como um verdadeiro aprendizado.

Este aprendizado orienta ou não as pessoas na medida em que percebemos que a vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar suas aspirações mais singelas. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém, isto ocorre de repente. (ELIAS, 1995, p.13).

Este ato de experiência pode ser identificado, por exemplo, na verificação de uma recepção cinematográfica, como assinalam, por exemplo, Robert Stam (2000; 2003) e David Bordwell (2001), pesquisadores que procuraram trazer para os estudos cinematográficos receptivos a figura do espectador passaram a fazer entender que o processo de construção do filme é um conhecimento constante e uma interpretação do processo cinematográfico que é, sem dúvida, uma espécie de

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

diálogo que reconhece a participação concreta e ativa do espectador de filmes.

Para Bordwell (2001, p.3), esse processo se manifesta na maneira com que o espectador se posiciona com relação ao filme:

Ao ver um filme, o receptor identifica certas indicações que o incitam a executar numerosas atividades de inferência, que vão desde a atividade obrigatória e rapidíssima de perceber o movimento aparente, passando pelo processo mais 'penetrável do ponto de vista cognitivo', de construir, digamos, vínculos entre as cenas, até ao processo ainda mais aberto de atribuir significados abstratos ao filme. Na maioria dos casos o espectador aplica estruturas de conhecimento às indicações que reconhece dentro do filme.

Acreditamos que os vínculos a que Bordwell veicula suas informações fazem-nos perceber a nossa expectativa com a escrita da agenda. Ao registrar os filmes que via nosso organizador, participava de um processo cognitivo onde, claramente, a escrita e as imagens que advém do cinema trabalham de forma conjunta, sem podermos atribuir a uma ou a outra o papel de coadjuvante nesse cenário.

A escrita da agenda tinha então uma perspectiva de aprendizado clara. Além de ser uma síntese dos filmes que via ou de alguma forma tinham tocado o seu gosto, era um estudo sistemático sobre a linguagem cinematográfica, onde o relato dos filmes identificava-se enquanto uma experiência de aprendizado constante.

Tratamos o filme então, para analisar a construção de conhecimento através dos mesmos, como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento. Os vários elementos da confecção de um filme – a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, a utilização ou não da cor – são elementos estéticos que compõem a linguagem cinematográfica, conferindo-lhe um



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

significado específico que transforma e interpreta aquilo que foi recortado do real (KORNIS, 1992).

Na nossa concepção, identificamos que o ato de perceber esses elementos trará um enriquecimento teórico sobre o cinema e a sua vinculação ideológica, consistente no próprio ato de escrever a agenda. Por isso, insistimos que a escrita da agenda e a sua preservação, que é fato perceptível pela sua conservação, tem um objetivo maior para o organizador, contribuir para sua formação estética cinematográfica e também como um documento/monumento de perpetuação do passado.

REFERÊNCIAS

- BORDWELL, David. **Film art: an introduction**, New York, McGrawHill, 2001.
- CARRIÈRE, Jean Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. A pedagogia da imagem fílmica: filmes como objeto de pesquisa em educação. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 103-124, 2000.
- DUBY, G. & LANDREAU, G. **Diálogos sobre a Nova História**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. **Mozart: Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, Televisão e História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. História e Cinema: um debate metodológico. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250.
- LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- STAM, Robert. **Film theory: an introduction**. Malden, Mass. and London: Blackwell, 2000.
- _____. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- YINGER; CLARK. El uso de documentos personales en el estudio del pensamiento del profesores. In: Ângulo (Ed.). **Conocimiento, creencias y teorías de los profesores**. Buenos Aires: Alcoy Editorial, 1988.